

VIAGENS POR DENTRO DO TEMPO E DAS PALAVRAS: UM BALANÇO POÉTICO E CRÍTICO DOS 40 ANOS DA INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA

TRIPS WITHIN THE TIME AND THE WORDS: A POETIC AND CRITICAL ASSESSMENT OF 40 YEARS OF ANGOLA'S INDEPENDENCE

*Carmen Lucia Tindó Secco**

RESUMO

Leitura de crônicas de Ana Paula Tavares publicadas recentemente na página da internet *Rede Angola*. A escritora – também poetisa de excelência – se vale de metáforas que atravessam vários de seus textos, cujos multifacetados e sinuosos percursos as transformam em viagens por dentro do tempo e das palavras. Metáforas de dores, medos, opressões, silêncios, violências, mas também de utopias, tradições e sonhos que necessitam ser, criticamente, repensados, principalmente hoje, quando se comemoram os quarenta anos (completados em 2015) da independência de Angola.

PALAVRAS-CHAVE: Ana Paula Tavares; crônicas; independência de Angola

ABSTRACT

This is a reading about the chronicles from Ana Paula Tavares which were recently published on the site *Rede Angola*. The writer – a poet of excellence – makes use of metaphors that cross several of her texts, which multifaceted and meandering paths turn them into trips within the time and words. Metaphors of pain, fears, oppressions, silences, violence, but also of utopias, traditions and dreams that need to be critically rethought, especially today, when we are celebrating forty years of independence of Angola.

KEYWORDS: Ana Paula Tavares; chronicles; independence of Angola

Nós ainda somos muito colonizados mentalmente e olhamos para a Europa como ponto de referência. Estamos sempre a pensar no nosso comportamento em função do outro¹.

Mia Couto

A epígrafe de Mia Couto não se aplica apenas ao imaginário sociocultural moçambicano, mas, de modo geral, também a muitos países da África e de outros continentes periféricos como a América Latina e a Ásia.

Michel Foucault analisa, em *Vigiar e punir*, espaços institucionais disciplinadores de sociedades: os presídios, os hospícios, os quartéis, as fábricas, as escolas. Sobre a política disciplinar dessas instituições, ele afirma: “A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço” (FOUCAULT, 1987, p. 121). Demonstra, assim, como o controle e as regras prescrevem comportamentos humanos, condicionando-os e colonizando-os interna e mentalmente:

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão, em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito. (FOUCAULT, 1987, p. 121)

No mesmo texto, Foucault (p. 119) adverte que, em razão do rigor disciplinar, os corpos se tornam dóceis e moldáveis, ou seja, obedientes a essas instituições, cujas estratégias de poder e saber acabam por sequestrar a autonomia e a criatividade dos indivíduos.

Para ultrapassar esse “colonialismo mental”, é imperioso escavar por dentro a vida e as palavras, isto é, realizar “uma arqueologia do saber e do poder” – como ensina Michel Foucault (2008) –, capaz de interpretar uma série de representações acerca dos seres humanos e das sociedades.

De acordo com Roberto Machado, reconhecido estudioso da obra foucaultiana,

a representação que o homem se faz a partir deles (objetos das ciências empíricas) não é um aprofundamento daquilo que são esses objetos, mas, pelo contrário, seu avesso, sua marca negativa. Os homens, pelo fato de viverem, constroem representações sobre a vida, o trabalho e a linguagem; essas representações são justamente os objetos das ciências humanas. As ciências humanas estudam o homem enquanto ele se representa na vida na qual está inserido, sua existência corpórea, a sociedade em que se realiza o trabalho, a produção, a distribuição e o sentido das palavras. (MACHADO, 1981, p. 145)

Foucault, em *As palavras e as coisas* (1999), trata da “ordem interna” que constitui cada saber. No prefácio dessa obra, o filósofo chama atenção para o fato de que as culturas são, em geral, regidas por normas e

códigos que permitem a compreensão das realidades socioculturais referentes a certos períodos históricos. Essas regras é que constituem a “ordem interna” – a episteme – estruturadora dos saberes existentes em dada época histórica e determinado universo cultural. Os discursos – sejam políticos, econômicos, sociais, artísticos, culturais –, para representarem as sociedades, necessitam de uma organização, de uma “ordem interna” capaz de lhes fornecer condições de reflexão acerca do tempo e das culturas em que se acham inscritos. E é, justamente, essa “ordem” que procuraremos identificar e interpretar, em crônicas de Ana Paula Tavares, escritas em 2015 e publicadas na página da internet *Rede Angola*.

As teias dos conhecimentos de cada tempo histórico são formadas por uma série de representações e configurações sociais e culturais, inclusive pelos discursos literários. Portanto, são essas malhas de saberes fiados, metaforicamente, pela escrita de Ana Paula que perseguiremos em nossa leitura, cujos objetivos são o desvendamento de alguns dos muitos sentidos ocultos da história angolana.

As crônicas de Ana Paula Tavares são curtas, porém densas e profundamente políticas. A escritora – também poetisa de excelência – se vale de metáforas que atravessam vários de seus textos, cujos multifacetados e sinuosos percursos as transformam em viagens por dentro do tempo e das palavras. Metáforas de dores, medos, opressões, silêncios, violências, mas também de utopias, tradições e sonhos que precisam ser, criticamente, repensados, hoje, quando se comemoram os quarenta anos (completados em 2015) da independência de Angola.

Para Michel Onfray (2009), viagem é um deslocamento que se transforma em autoconhecimento, em regresso à própria casa, à terra natal ou a si mesmo, erigindo-se, nesse caso, como “uma ontologia, uma arte do ser, uma poética de si” (*apud LISBOA*, 2012).

Certamente há muitos pretextos, ocasiões e justificativas, mas em realidade só pegamos a estrada movidos pelo desejo de partir em nossa própria busca com o propósito, muito hipotético, de nos reencontrarmos ou, quem sabe, de nos encontrarmos. [...] Quantos desvios, e por quantos lugares, antes de nos sabermos em presença do que levanta o véu do ser. (ONFRAY, 2009, p. 75)

Filosófica e poeticamente, Onfray teoriza sobre a viagem, exaltando o viajante em sua transumância, pois esta o coloca sempre disponível a aprender, a absorver outras experiências, a cultivar a liberdade e a independência.

Octavio Ianni, em *A metáfora da viagem*, chama atenção para o fato de a maioria das sociedades possuir uma história quase sempre “atravessada pelo tema da viagem” (IANNI, 2000, p. 11). De acordo com o sociólogo, muitas são as formas de viagem: reais, geográficas, físicas; imaginárias, literárias, existenciais.

Quem viaja larga muita coisa na estrada. Além do que larga na partida, larga na travessia. À medida que caminha, despoja-se. Quanto mais descortina o novo, desconhecido, exótico ou surpreendente, mais liberta-se de si, do seu passado, do seu modo de ser, hábitos, vícios, convicções, certeza. Pode abrir-se cada vez mais para o desconhecido, à medida que mergulha no desconhecido. No limite, o viajante despoja-se, liberta-se e abre-se, como no alvorecer: caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao andar.

(IANNI, 2000, p. 30)

As viagens, em geral, se abrem ao desconhecido, descortinando saberes e rumos novos. Contudo, quem viaja, muitas vezes, busca recuperar sensações antigas, sentimentos guardados no fundo da alma. Muitos viajantes realizam uma travessia em direção ao conhecimento do outro e de si.

Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza. Projeta no espaço e no tempo um eu nômade, reconhecendo as diversidades e tecendo as continuidades. Nessa travessia, pode reafirmar-se a identidade e a intolerância, simultaneamente à pluralidade e à tolerância. No mesmo curso da travessia, ao mesmo tempo que se recriam identidades, proliferam diversidades. (IANNI, 2000, p. 13-14)

Desse modo, o viajante, como um arqueólogo do outrora, escava a memória, procurando encontrar, em fragmentos do passado, não só traços de sua própria identidade, bem como marcas identitárias plurais existentes em sua e outras culturas e sociedades.

Cada corpo busca reencontrar o elemento no qual se sente mais à vontade e que foi outrora, nas horas placentárias ou primeiras, o provedor de sensações e de prazeres confusos, mas memoráveis. Existe sempre uma geografia que corresponde a um temperamento. Resta descobri-la. (ONFRAY, 2009, p. 20-21)

Em resenha acerca do livro *Teoria da viagem*, de Onfray, a escritora Adriana Lisboa chama atenção para algumas das importantes questões levantadas pelo filósofo:

[...] o viajante de Michel Onfray [...] é em essência um viajante em sua vida, um “animal inquieto”, alguém disposto a disseminar-se em partidas e regressos que permitem um olhar de surpresa sempre renovada diante do mundo.

[...] viajar é [...] um afastamento da zona de conforto, mas também uma reaproximação de nossa própria subjetividade [...] O que resta da [...] identidade quando são suprimidos vínculos sociais, comunitários, tribais [...]? (LISBOA, 2012)

É exatamente nesse sentido que a escrita das crônicas de Ana Paula Tavares se constitui como viagem, na medida em que questiona certos aspectos do conturbado presente angolano, ao mesmo tempo que intenta

uma reaproximação com o outrora, com as tradições de determinados povos do sudoeste de Angola. A travessia, nos textos de Ana Paula Tavares, se torna, dessa maneira, uma viagem “para dentro e por dentro” (PADILHA, 2006, p. 147-158) dela própria e da história de seu país.

Começamos pela crônica “O Arqueólogo e a noite”, na qual a voz narradora, com seu olhar de poetisa e, também, de historiadora, cruza o mapa de sua terra, Angola, e revolve cartografias colonizadoras que deixaram marcas de dores em sua escrita:

O arqueólogo trabalhava dia e noite (destapar de noite/ esconder de dia) para evitar que os donos do deserto e conhecedores das antigas rotas do sal e dos frutos levassem as figurinhas para as trocar por dinheiro e as deixar morrer em qualquer museu do mundo. “Venho de uma terra ferida”, dizia-me [...]

(TAVARES, 2015, <http://www.redeangola.info/opiniaio/o-arqueologo-e-a-noite/>)

Quantas travessias comerciais, numa longínqua Antiguidade e em meio a oralidades perdidas! Quantos povos que atravessaram desertos, rios, montanhas! Quantos arqueólogos que cavaram cenas do antigamente, numa contemporaneidade fugaz e cheia de simulacros! Quantas “histórias de homens e armas a destruir[em] passados!” (*idem, ibidem*)

De acordo com Ocatvio Ianni, as viagens podem ser entendidas no âmbito das ciências sociais e da história, como também da literatura. Todas levam o eu viajante, o narrador nômade, a captar a “ordem interna” de sua sociedade e/ou a de seu próprio discurso.

Nas ciências sociais, a viagem revela-se um recurso comparativo excepcional. Permite colocar lado a lado configurações sociais, econômicas, políticas ou culturais diversas, próximas e distantes, presentes e passadas. Comparam-se comunidades, sociedades, tribos, clãs, nações e nacionalidades, compreendendo configurações sociais, formas de sociabilidade, modalidades de organização e técnica do trabalho, regimes políticos, nacionalismos, regionalismos, processos revolucionários, guerras, blocos econômicos, geopolíticas, independências, colonialismos, imperialismos, transculturalismos, globalismos e outras modalidades de organização e movimentação da realidade histórico-social. (IANNI, 2000, p. 15)

Na literatura, a viagem parece ser a metáfora mais frequente e diferenciada. Aí ela adquire muitos significados e muitas conotações. Talvez todas nasçam de uma viagem primordial e emblemática, mas são muitas as que se realizam e sonham ao longo das narrativas, das poéticas que constituem a literatura universal. (IANNI, 2000, p. 28)

Nos textos de Ana Paula Tavares, essas duas formas de viagem estão presentes e se entrecruzam. Como historiadora e poetisa, Ana Paula adota um eu narrador viajante que capta o ritmo e o lirismo da linguagem, ao mesmo tempo que procura compreender a “ordem interna” das configu-

rações sociais do tecido histórico e cultural angolano. Assim, nas narrativas da autora, sangram as palavras, os medos, os silêncios, o livro do tempo em seus deveres e haveres. Desse modo, as pontas de vários contextos históricos vão-se enlaçando.

Na crônica “As mães”, por exemplo, a voz enunciativa, em diálogo intertextual com o poema do angolano Viriato da Cruz usado como epígrafe, lembra as dores das mães de ontem e de hoje que sonha(va)m com o “dia da humanidade”:

Elas estão atentas e perguntam em voz alta por onde andam os filhos. Estendem as vozes pelas ruas da cidade para dizer que tão boa terra só pode ser de todos: os que estão e aqueles que não-de chegar. Saem de suas casas para inscrever o rosto na luz do dia e na história de uma terra onde as vozes das mães sempre suportaram os filhos: quando partiam no ventre escuro dos navios, quando se dobravam à chibata do capataz ou se perdiam nas malhas do contrato.

(TAVARES, 2015, <http://www.redeangola.info/opinio/as-maes/>)

Como arqueóloga da linguagem, a cronista perscruta camadas de letras, de terras, de sombras para descobrir uma “nova carta”, desafiadora, reveladora de outras representações de memórias, esquecimentos, estórias e histórias. Inicia, então, a crônica “Nova carta de Ana Napalavra”, da seguinte forma:

Há, minha amiga, uma palavra, uma única palavra, nem grande nem pequena, que me ferve os dias e as noites, me impede o poema e a invenção de um certo oriente, um antigo oriente, onde, diziam os antigos, nasciam todas as fontes do mel e viviam as abelhas da cera.

(TAVARES, 2015, <http://www.redeangola.info/opinio/nova-carta-de-ana-na-palavra/>)

Mais uma vez, dor e sombra toldam a escrita que, entretanto, procura iluminar-se de passado, imersa em panos, tradições, chás como rotinas de viagens ao Oriente, onde, pelo menos, a aventura das viagens se fazia recorrente. Emerge dessas lembranças um tempo em que territórios sem fronteiras permitiam a interculturalidade entre povos e a interpenetração de línguas e linguagens. Tudo isso, porém, ficou no outrora, na argila e na água com que se moldavam o barro e a vida. Hoje, é diferente:

Ao lado da fronteira alinhou-se a palavra ameaça, nem grande nem pequena, mas suficiente para perturbar o éden dos outros que não querem ouvir o choro alto das mulheres e o silêncio arrepiante das crianças. Cercaram o paraíso de muros altos e arame e deixaram-nos o mar e o deserto para morrer devagarinho.

(*idem, ibidem*)

Na crônica “O livro do deve e haver”, é apresentada, crítica e metaforicamente, uma contabilidade da história do colonialismo, das dívidas cobradas à terra angolana:

Comércio de papel e tinta e cadernetas de fiados contam a história de infinitas redes de comércio que cruzavam o interior da fronteira das línguas, da troca de informação, das caravanas, da morte e da vida e da sua organização. Diários de viagens têm apenas listas preciosas de foros e dízimos cobrados e por cobrar.

(TAVARES, 2015, <http://www.redeangola.info/opiniaio/o-livro-do-deve-e-haver/>)

Aqui, ergue-se, contumaz, uma crítica ao colonialismo português. É defendida a urgente construção de uma solidariedade orgânica, capaz de romper com a contabilidade dos lucros que só beneficiava os algozes de uma terra que desejava hastear sua independência. Das contas, dos diários, passa-se aos poemas que prepararam e alimentaram a batalha revolucionária:

Um diálogo de amor com a liberdade encontrou força para dizer: a terra é nossa e a ela temos que voltar com a força de acreditar em nós (“Mussunda amigo”), sem teres nem haveres, mas também sem dever, embora carregando o dever maior de construir a Pátria para todos, no país do mel e da candura que havíamos de construir. Os sonhos antecederam a prática e os jovens em fuga de várias paragens deram notícias ao mundo da dívida de carne e sangue que o povo pagava em nome de um caderno de fiados. A Pátria foi primeiro de papel (poemas, romances) em cadernos de capa grossa e folhas numeradas à mão e a vermelho.

(*idem, ibidem*)

A luta pela pátria, nas décadas de 1960 e 1970, se transformou, assim, numa bandeira contra o colonialismo e o imperialismo. Bons tempos esses que não deveriam ser esquecidos! Tempos em que se recitavam poemas como “Mussunda amigo”, clara referência a Agostinho Neto e aos tempos utópicos da libertação de Angola. Todavia, mudanças ocorreram e a utopia da liberdade foi maculada por distópicas políticas e economias neocoloniais. As crônicas de Ana Paula, literária e metaforicamente, apontam e deslindam “as teias da colonialidade nas quais se camuflam os neocolonialismos do nosso tempo” (PADILHA, 2008, p. 60). Achille Mbembe reflete sobre isso que também ocorre, hoje, em diversos países africanos:

Se é verdade que as independências foram consideradas como um dos principais acontecimentos da história africana contemporânea, é forçoso constatar que, hoje em dia, a sua crise de pertinência constitui uma verdadeira provocação à inteligência africana. A aparente deriva do continente negro traduz-se, na prática, na sua marginalização crescente no plano internacional, na implosão política de suas sociedades, no seu declínio econômico e na sua estagnação intelectual. (MBEMBE, 2013, contracapa)

É triste esse balanço crítico, após tantos anos de guerras e sangue derramado! Esgarçam-se não apenas as economias e as sociedades africanas, mas, principalmente, as identidades. A contrapelo dessa história de

estagnação, implosão e declínio econômico-cultural, as crônicas recentes de Ana Paula Tavares, publicadas em 2015 no site *Rede Angola*, surgem, focalizando, em sua maioria, diversas tradições angolanas esquecidas, como, por exemplo, a das mulheres que usam panos, cumprem rituais, cozinham com óleo de palma, bordam colares de miçangas e modelam o barro vermelho, ao mesmo tempo que recordam as lutas revolucionárias, quando eram ainda jovens e esperançosas da edificação de uma Angola livre e solidária. Segundo a cronista, esse era o tempo de

[...] cantar os dias a vermelho e negro enquanto o mundo dava as suas voltas muito tranquilo, a terra sobre si própria e nós com ela. Mas esse era o dia de proclamar que a “agricultura era a base e a indústria o fator de desenvolvimento” e sabíamos com Brecht que “há homens que lutam um dia e são bons/ há outros que lutam um ano e são melhores/ e há aqueles que lutam toda a vida e são os imprescindíveis.”
(TAVARES, 2015, <http://www.redeangola.info/opinioao/o-primeiro-de-maio-oleo-de-travoes-e-nos/>)

O diálogo com a liberdade, com a terra, com a comunhão entre os homens é rememorado por Ana Paula Tavares, cujos escritos manifestam saudade dessa época. Passados, exatamente, quarenta anos da independência de Angola, as crônicas da autora empreendem uma viagem pela história, preenchendo, com muitas estórias, silêncios da escrita e do tempo. Viagem, com o sentido de enigma. Viagem que põe em tensão aspectos dos primórdios das memórias com cenas da modernidade. Viagem que ultrapassa fronteiras, cercas, muros, demarcando diferenças, singularidades. Frente a esse conceito amplo de viagem, a escrita das crônicas de Ana Paula desafia medos e silêncios. Em “Desafiar o silêncio”, a cronista aborda a função social das mulheres no mundo atual, ao mesmo tempo que cobra das independências dos países africanos a urgência de “remover moléstias antigas, abrir escolas” (TAVARES, 2015, <http://www.redeangola.info/opinioao/desafiar-o-silencio/>). Defende que são as mulheres – tanto as dos espaços das tradições rurais, como as das cidades atuais – que conhecem a diversidade de seus papéis na família, no trabalho, no cotidiano das relações de vizinhança e na sociedade.

São elas que sabem das vozes que nos habitam, dos passados que moram em nós, e nada dizem sobre o que escolhemos e rejeitamos para nos obrigar a mergulhar fundo na relação entre vida e história, entre as formas ambíguas de decifração de signos que, pertencendo a um, transbordam para outro, num jogo entre dito e não dito.
(*idem, ibidem*)

Com um olhar atilado em relação à história, Ana Paula repensa a função das mulheres em algumas tradições angolanas; acaba por, metapoticamente, refletir, também, sobre a função da palavra e da arte:

A poesia canta a vida como os antigos Napalavra e é preciso o pau duro de muthiati², o mesmo com que o adulto marca as fronteiras do novo eumbo³ e começa a sua vida, a vida dos

seus bois, das mulheres e dos filhos, para marcar as linhas do jogo que essa poesia entretece com a palavra, a desfazer os nós perfeitos de antigos silêncios guardados na garganta e nos corpos magros e leves dos filhos e do trabalho.

(*idem, ibidem*)

Num corpóreo silêncio, a escrita poética urde, criticamente, sua trama com lucidez e mel; estilhaça medos; “fala” pelo Outro que toca a vida, muitas vezes, sem ter consciência dela. Receios, os mais variados, se repetem no mundo contemporâneo, em obras de poetas e romancistas. Por isso, é mister, cada vez mais, trabalhar a palavra, envolvê-la em tecidos finos, com sons rústicos e, ao mesmo tempo, ruidosos, com vozes abissais que atingem o fundo das almas, como se estivessem sobre aveludados divãs de psicanalistas, magos ou visionários.

Em “O medo”, a voz narradora, ao término da crônica, adverte: “Não tenho soluções, só pedidos: ajudem a parar esta dor de cacimbo, deixem passar as vozes para podermos ver claro no meio das sombras e partilhar agasalho neste cacimbo de frio” (TAVARES, 2015, <http://www.redeangola.info/opinioao/o-medo/>).

Medo, cacimbo, sombras – insistentes marcas metafóricas de uma escrita que persegue a luz para não se perder na névoa social e política que embaça a liberdade. Névoa que embaralha a visão, que também serve para produzir esquecimentos. Nas entrelinhas, fica uma probabilidade de que ainda seja tempo de escrever sonhos e cultivar desejos.

A mãe-terra continua a ser “o elo e garante as linhagens, mãe do povo, silêncio, sacrifício e serviço” (TAVARES, 2015, <http://www.redeangola.info/opinioao/as-maes/>). É ela uma das mães de todos os filhos de Angola que “estendem as vozes pelas ruas da cidade para dizer que tão boa terra só pode ser de todos: os que estão e aqueles que hão-de chegar” (*idem, ibidem*).

No avesso das palavras, os textos de Ana Paula Tavares se afirmam como uma escrita viajante em busca da identidade de si e dos múltiplos traços identitários angolanos. Suas crônicas vão acendendo pequenos lumes que funcionam como avisos à navegação, como balanços críticos dos 40 anos de vida e de história de Angola. Expressam lutas cotidianas do povo angolano e suas tradições culturais. Delineiam, também, a perda de muitos sonhos olvidados por intrincados caminhos de violência e ganância.

As crônicas da autora possuem, por conseguinte, uma “ordem interna” (FOUCAULT, 1999), uma dicção poética que assinala seu estilo, seja na sua produção em poemas ou em prosa. A escrita de Ana Paula valoriza as tradições, o papel das mulheres, a importância de atar as pontas da linguagem e da história, de modo a abrir possibilidades para que o mapa de Angola possa ser retraçado à luz da imagem de “Mussunda amigo”: com o mel da candura, da solidariedade e de um humanismo crítico e ético, capaz de assegurar a liberdade política, social, estética e existencial a todos os cidadãos angolanos.

Metáforas de sofrimentos, temores, autoritarismos, brutalidades, explorações, silenciamentos e censuras, mas ainda das tradições e de alguns pensamentos utópicos, que, mesmo esgarçados, resistem aos desencantos presentes, as crônicas de Ana Paula Tavares se constituem como uma escritura em viagem, cujos plurais e labirínticos caminhos a convertem em uma travessia crítica por dentro do tempo, da história e das palavras, comprovando, com Octavio Ianni, que toda viagem é uma aprendizagem:

À medida que viaja, o viajante se desenraíza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. [...]

Tanto se perde como se encontra [...] No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa. (IANNI, 2000, p. 31)

Também o leitor de Ana Paula Tavares se torna viajante, um leitor nômade. Após e durante a leitura dos textos da autora, se encontra transfigurado, tocado tanto pela poesia e sensibilidade das narrativas, como por uma compreensão crítica da história angolana. Ao se acumpliciar à travessia empreendida pela cronista, de forma semelhante a esta, “a despeito de despojar-se, libertar-se e abrir-se, reafirma seu modo de ser, observar, sentir, agir, pensar ou imaginar” (IANNI, 2000, p. 31), assumindo uma consciência política em relação às realidades histórico-sociais ficcionalizadas pelas crônicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COUTO, Mia. 40 Anos de Independência: Mia Couto critica a “colonização mental”. *Jornal Notícias* (on line). Caderno Cultural. Maputo, 17 jun. 2015. Disponível em <<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/caderno-cultural/38246-40-anos-de-independencia-mia-couto-critica-colonizacao-mental>>. Acesso em 23 out. 2015.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: _____. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 11-31.

LISBOA, Adriana. A Viagem de Michel Onfray. *Jornal Rascunho*, jan. 2012. Disponível em <http://rascunho.gazetadopovo.com.br/a-viagem-de-michel-onfray/> Acesso em 25 out. 2015.

MACHADO, Roberto. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

MBEMBE, Achille. *África insubmissa: cristianismo, poder e estado na sociedade pós-colonial*. Ramada (Portugal); Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, jul. 2013.

ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: Ed. LP&M, 2009.

PADILHA, Laura Cavalcante. Literatura angolana, suas cartografias e seus embates contra a colonialidade. In: PADILHA, L. C. & RIBEIRO, M. C. *Lendo Angola*. Porto: Afrontamento, 2008.

TAVARES, Ana Paula. O arqueólogo da noite. In: *Rede Angola*, 19 jul. 2015. Disponível em <<http://www.redeangola.info/opiniaio/o-arqueologo-e-a-noite/>> Acesso em 20 jul. 2015.

_____. Desafiar o silêncio. In: *Rede Angola*, 3 jul. 2015. Disponível em <<http://www.redeangola.info/opiniaio/desafiar-o-silencio/>> Acesso em 5 jul. 2015.

_____. As mães. In: *Rede Angola*, 28 ago. 2015. Disponível em <<http://www.redeangola.info/opiniaio/as-maes/>> Acesso em 29 ago. 2015.

_____. Nova carta de Ana Napalavra. In: *Rede Angola*, 4 set. 2015. Disponível em <<http://www.redeangola.info/opiniaio/nova-carta-de-ana-na-palavra/>> Acesso em 5 set. 2015.

_____. O livro do deve e haver. In: *Rede Angola*, 7 ago. 2015. Disponível em <<http://www.redeangola.info/opiniaio/o-livro-do-deve-e-haver/>> Acesso em 8 ago. 2015.

_____. O medo. In: *Rede Angola*, 10 jul. 2015. Disponível em <<http://www.redeangola.info/opiniaio/o-medo/>> Acesso em 10 jul. 2015.

_____. Teoria da história. In: *Rede Angola*, 25 set. 2015. Disponível em <<http://www.redeangola.info/opiniaio/teoria-da-historia/>> Acesso em 27 set. 2015.

_____. O primeiro de maio, óleo de travões e nós. In: *Rede Angola*, 15 mai. 2015. Disponível em <<http://www.redeangola.info/opiniaio/o-primeiro-de-maio-oleo-de-travoes-e-nos/>> Acesso em 16 mai. 2015.

_____. A carta secreta de Ana Napalavra ou a morte dos poetas. In: *Rede Angola*, 31 jul. 2015. Disponível em <<http://www.redeangola.info/opiniaio/a-carta-secreta-de-ana-napalavra-ou-a-morte-dos-poetas/>> Acesso em 2 ago. 2015.

Recebido para publicação em 17/09/2015
Aprovado em 29/01/2016

NOTAS

* Professora titular de Literaturas Africanas da UFRJ. Pesquisadora colaboradora da Universidade de Lisboa e pesquisadora do CNPq. Consultora *ad hoc* do CNPq, CAPES, FAPERJ, FAPESP.

1 COUTO, Mia. 40 Anos de Independência: Mia Couto critica a “colonização mental”. *Jornal Notícias* (on line). Caderno Cultural. Maputo, 17 jun. 2015. Disponível em <<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/caderno-cultural/38246-40-anos-de-independencia-mia-couto-critica-colonizacao-mental>>. Acesso em 23 out. 2015.

2 Muthiati é uma pequena árvore de Angola, cuja madeira é tão dura, que estacas são construídas com ela.

3 Eumbo é um terreno de cultivo, um agregado de habitações e instalações agropecuárias pertencentes a um chefe de família do Sudoeste angolano.